

Migrações do pensamento bakhtiniano nas lentes analíticas de Pampa Arán: resenha de “A herança de Bakhtin: reflexões e migrações (seleção de textos)”

Migrations of bakhtinian thought in the analytical lenses of Pampa Arán: a review of “A herança de Bakhtin: reflexões e migrações (seleção de textos)”

Grenissa Stafuzza¹
Universidade Federal de Catalão – UFCAT
grenissa@ufcat.edu.br

ARÁN, Pampa Olga. *A herança de Bakhtin: reflexões e migrações (seleção de textos)*. Tradução Nathan Bastos de Souza. Campinas: Mercado de Letras, 2024.

¹ Professora do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), da Universidade Federal de Catalão (UFCAT), onde atua na graduação e no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PPGEL). É líder do GEDIS – Grupo de Estudos Discursivos (CNPq).

O livro *A herança de Bakhtin: reflexões e migrações (seleção de textos)*, de Pampa Olga Arán (*in memoriam*)², traduzido por Nathan Bastos de Souza³, trata-se da última publicação da professora e pesquisadora argentina que nos deixa um importante legado de contribuições para o campo dos estudos bakhtinianos, especialmente, por meio do conceito de migração. A ideia da tradução surgiu durante o estágio pós-doutoral de Nathan realizado no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem na Universidade Federal de Catalão no período de 2022 a 2023. Leitor de Pampa Arán, Nathan, que já se debruçava no estudo de possíveis migrações do pensamento bakhtiniano na crítica hispânica, subsidiando o debate nos escritos da autora, observa a importância de se traduzir no Brasil esse material e fazer circular essas ideias. Assim, as duas primeiras seções, de autoria de Pampa, do livro *La herencia de Bajtín. Reflexiones y migraciones*, (Córdoba: Universidad Nacional de Córdoba, Centro de Estudios Avanzados, 2016), originaram a tradução brasileira, que ganha, na terceira seção, uma notável entrevista do tradutor com a autora⁴. O livro em espanhol encontra-se na versão impressa e na versão digital de livre circulação⁵.

Como revisora técnica da obra, tive o privilégio de ler a tradução em primeira mão e afirmo que é uma tradução bastante cuidadosa com seus(suas) leitores(as). O livro é composto por uma introdução de autoria do tradutor intitulada “Pampa Arán, leitora de Bakhtin”, “Apresentação à edição brasileira” de autoria de Arán e três seções, assim intituladas: “Primeira Parte: interseções e migrações”, “Segunda parte: categorias em discussão” e “Terceira Parte: uma entrevista sobre a herança de Bakhtin e outros temas” em que o tradutor entrevista a autora. A entrevista apresenta-se de modo especial, uma vez que contém perguntas sobre o próprio livro, o que a torna formidável para o(a) leitor(a) conhecer a visão teórica, analítica e humana de Pampa Arán.

Na “Primeira Parte: interseções e migrações”, Arán estabelece uma leitura dos escritos de Julia Kristeva, Saussure, Verón e Lotman sempre situando o(a) leitor(a) das diversas instâncias dos lugares teóricos e do contexto que estas vozes ocupam no debate, bem como sua perspectiva leitora, de modo exemplificativo das possibilidades de leituras que se encontra

² Professora emérita da Universidade Nacional de Córdoba/Argentina. Leia a nota biográfica publicada sobre Pampa Olga Arán disponível em: <https://ffyh.unc.edu.ar/biblioteca/escritores-de-cordoba/aran-pampa/>. Acesso em: 27 set. 2024.

³ Professor da Universidade Federal dos Pampas (UNIPAMPA-Campus Bagé) que se dedica a estudar o “universo hispânico e a ler quem escreve sobre Bakhtin em espanhol” (Souza, 2024, p. 07).

⁴ A entrevista em espanhol encontra-se disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciLangCult/article/view/67699>; Acesso em: 27 set. 2024.

⁵ Disponível em: <https://rdu.unc.edu.ar/bitstream/handle/11086/4780/La%20herencia%20de%20Bajt%C3%ADn%20Digital.pdf?sequence=1>. Acesso em: 27 set. 2024.

nesta obra: ler Julia Kristeva significa observar como a autora leu Bakhtin e divulgou suas ideias, assim como ler Saussure significa observar como Volóchinov e Bakhtin leram Saussure e seu lugar no desenvolvimento do pensamento filosófico dos autores russos sobre a linguagem.

Arán (2024, p. 74) faz algumas perguntas-guias no âmbito das “políticas da interpretação e do funcionamento da linguagem” que podem elucidar também sobre como os(as) pesquisadores(as) estudam e divulgam o pensamento bakhtiniano no Brasil:

É preciso ler Bakhtin recolocando-o em seu cronotopo historicamente datado? Ou são possíveis outros agenciamentos imprevistos a partir do cartografado de seu magma semântico? É possível citar sem suspeitar que toda citação é uma interpretação? Devemos voltar a Bakhtin? Ou partir de Bakhtin? Porque “voltar a” e “partir de” são movimentos exatamente inversos que tratam de operações pensadas de maneira diferente em relação à matriz teórica da biblioteca.

A partir desses questionamentos, a autora também traz suas leituras sobre as leituras que pesquisadores(as) fazem da obra bakhtiniana, o funcionamento das migrações teóricas nas lentes analíticas de Arán: a proposta sociocrítica de Marie Pierrette Maluczynski, que aborda o dialogismo como atitude crítica perante textualização da interdiscursividade; os imaginários sociais pelo viés polifônico, de Íris Zavala; as poéticas multimidiáticas na análise de diferentes enunciados televisivos subsidiada pela teoria dos gêneros do discurso, de Arlindo Machado; e, ao final, o dialogismo cibernético nas produções de Eduardo Kae.

Na “Segunda parte: categorias em discussão”, ao se ancorar no conceito de migração, Arán amplia fortemente ideias e concepções dos estudos bakhtinianos como, por exemplo, a categoria de cronotopia cultural, entendida como processo material de produção do sentido em espaços que grupos sociais intervêm, originando outros sentidos para aquele espaço. Arán tem sua base de estudo nos cronotopos literários em Bakhtin, pois parte da investigação sobre as políticas de escrita em diferentes romances que revisam o processo da ditadura militar argentina e o conceito é ampliado quando a autora entende o espaço ressignificado pelos movimentos e manifestações sociais. A Praça de Maio, em Buenos Aires/Argentina, por exemplo, que pode ser estudada como uma cronotopia cultural a partir das jornadas de 17 de outubro peronista, as Marchas das Mães ou de Blumberg, que fizeram circular discursos políticos diversos, produzindo, assim, sentidos também absolutamente diversos para este espaço.

Assim, as migrações teóricas resultam em leituras de leituras que podem ser observadas nas produções publicadas verificando-se a forma como um(a) pesquisador(a) lê

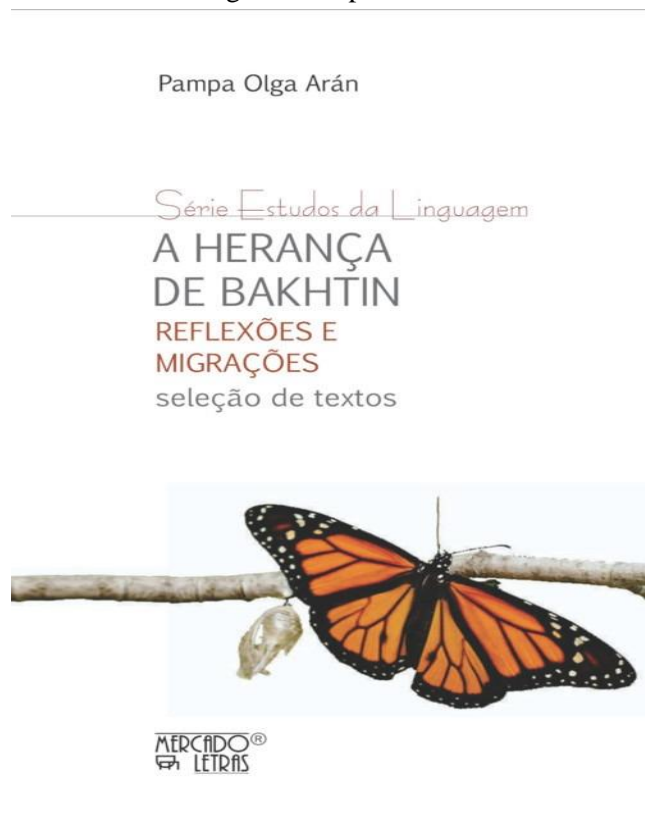
determinado(a) autor(a) e expande/transforma a teoria lida para melhor estudar o objeto investigado. Os escritos bakhtinianos são progressistas e suas concepções abertas às interpretações e são constantemente ressignificadas pelas leituras de seus(suas) leitores(as), bem como pela diversidade de *corpora* de estudo acionada pelos(as) pesquisadores(as), não previstos na obra bakhtiniana, mas que pelo potencial teórico e analítico, oferece base de leitura para a análise de objetos contemporâneos.

É o que Arán (2024) faz a partir do cronotopo literário bakhtiniano: a autora transita nas políticas de escrita literária sobre a ditadura militar argentina e observa o espaço da Praça de Maio com seus diversos grupos sociais que intervêm na produção de sentidos, tomando a praça como um espaço de espessura semiótica e discursiva; eis que nasce a cronotopia cultural que pode ser pensada também de forma ainda mais expandida em investigações no espaço virtual, considerando o funcionamento das redes sociais, mídias e plataformas digitais. Ao ser questionada na entrevista, terceira parte do livro, sobre seus escritos da segunda parte, em relação à ideia de cronotopia cultural ser uma migração, Arán (2024, p. 177) responde humildemente que seria uma “migração modesta”, pois “as migrações transformadoras são aquelas que colocam em diálogo grandes pensadores para gerar uma nova teoria”.

Destaco, ainda, que a capa do livro ressoa na ideia biológica da metamorfose e da migração ao trazer uma borboleta, provavelmente recém-saída de seu casulo, em pouso no galho de uma árvore, conforme imagem a seguir:

Grenissa Stafuzza. Migração do pensamento bakhtiniano nas lentes analíticas de Pampa Arán: resenha de “A herança de Bakhtin: reflexões e migrações (seleção de textos)”.

Imagem 1- Capa do livro⁶



Na “Terceira Parte: uma entrevista sobre a herança de Bakhtin e outros temas”, Arán (2024, p. 168) situa o(a) leitor(a) de que “o conceito de migração, que vem da biologia, é conflitivo”, uma vez que na atualidade observa-se uma aversão pelos imigrantes em muitos lugares do mundo que fecham suas fronteiras e estabelecem leis de reclusão, exclusão e banimento dessas pessoas. Para Arán (2024, p. 168):

As migrações humanas se dão por uma diversidade de fatores e, diferente das aves, não estão programadas pela natureza. À revelia dos riscos dolorosos, todavia, são fonte de misturas riquíssimas que transformam certas paisagens culturais e criam novas identidades.

Eis que o processo de imigração na esfera cultural relaciona-se ao de metamorfose, pois, ao migrarem, as pessoas carregam um outro universo cultural que entrará em diálogo com os espaços e a comunidade onde se estabelecem, transformando – metamorfoseando – esses lugares, pessoas e a si mesmas.

Da mesma forma, a autora observa as migrações que se expandem das concepções e conceitos bakhtinianos como, por exemplo, cronotopo que vem das ciências matemáticas e é

⁶ Disponível em: <https://www.mercado-de-letras.com.br/livro-mway.php?codid=905>. Acesso em: 27 set. 2024.

aplicado por Einstein na teoria da relatividade de modo interseccionado com a matemática, a física e a filosofia, subsidiando a leitura de Bakhtin (2010, p. 211), de que cronotopo refere-se à “interligação fundamental das relações temporais e espaciais, artisticamente assimiladas em literatura”. O conceito migra de um campo de conhecimento para outro, especialmente cultural, literário. Assim como ocorre com o conceito de gênero que se encontra inicialmente na biologia e migra para a esfera cultural. O cronotopo e o gênero, por exemplo, são conceitos que limitam o trabalho dos físicos e dos biólogos, respectivamente, são definidores de abordagens, para Arán (2024, p. 175), “não há limites nas migrações culturais e cada um tem o direito de interpretar o conceito. O meu, insisto, está mais próximo das interações dialógicas e da transformação do sentido”.

Desejo que os escritos de Arán encontrem um(a) grande leitor(a) com suas questões e se metamorfoseiem, expandindo-se para outras perguntas, ideias, concepções, teorias. Arán nos deixa um legado de possibilidades de pesquisa ao se debruçar em estudar as migrações do pensamento bakhtiniano. Que saibamos aproveitá-lo.

Referências

ARÁN, Pampa Olga. **A herança de Bakhtin**: reflexões e migrações (seleção de textos). Tradução Nathan Bastos de Souza. Campinas: Mercado de Letras, 2024.

BAKHTIN, M. M. **Questões de literatura e de estética**: a teoria do romance. Tradução Aurora Fornoni Bernardini et al. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

SOUZA, Nathan Bastos de. Pampa Arán, leitora de Bakhtin. In: ARÁN, Pampa Olga. **A herança de Bakhtin**: reflexões e migrações (seleção de textos). Tradução Nathan Bastos de Souza. Campinas: Mercado de Letras, 2024, p. 7-14.

Recebido em: 27 de setembro de 2024

Aceito em: 10 de dezembro de 2024